

PRINCÍPIOS ÉTICOS NA TEOLOGIA DE JOÃO AMÓS COMENIUS

Weverson Marques de Andrade¹

RESUMO

O presente artigo analisa o sistema ético desenvolvido pelo grande teólogo e educador checo Comenius na obra *Didática Magna*, em relação com o modelo educacional proposto pelo autor, no intuito de apontar possíveis contribuições para o pensamento contemporâneo. A partir de uma perspectiva fenomenológica da obra citada, buscamos elucidar os seguintes temas: a visão de homem defendida por Comênio, sua filosofia moral, papel da educação, ligação com pensamento (neo) estoico, a influência irenista, aspectos teológicos da *Didática Magna* e ética.

Palavras-chave: John Amos Comenius (1592-1670) – *Didática Magna* – Ética

ABSTRACT

This article analyzes the ethical system developed by the great theologian and czech educator Comenius on work *Great Didactic*, in relation to the educational model proposed by the author, in intention to identify possible contributions to contemporary thought. As from a phenomenological perspective of the cited work, we look for to elucidate the following themes: the view of man advocated by Comenius, his moral philosophy, role of education, connection with (neo) stoic thinking, the irenist influence, theological aspects of *Great Didactic* and ethics.

Key-words: John Amos Comenius (1592-1670) – *Great Didactic* – Ethics

INTRODUÇÃO

Filósofo, educador e, sobretudo teólogo, João Amós Comenius (1592- 1670) foi, sem dúvida, uma figura emblemática em vários aspectos. Seus escritos se desdobram em vários campos do saber, formando um todo complexo e totalizante, abarcando diversos campos da

¹ Licenciado em História pela Universidade Bandeirantes de São Paulo, especialista em Fundamentos de uma Educação para o Pensar (área de Filosofia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e estudante do curso de Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Metodista Livre. E-mail: weversonmarquess@hotmail.com.

existência humana direcionadas à transcendência. Tendo como fio condutor de seu pensamento sua concepção de homem em consonância com os ideais humanistas do cristianismo reformado (embora sem romper definitivamente em muitos aspectos com a escolástica medieval), propunha a formação integral do homem nos aspectos intelectual, espiritual e técnico-material. Insistia que o homem buscasse contra si mesmo aquilo que ainda subsiste bondosa e exigua na alma humana, mesmo com todas as corrupções possíveis ao nosso gênero. Buscou não só um novo modo de fazer filosofia, mas queria antes salvar a humanidade de si mesma por meio da escola.

Em uma trajetória intelectual que se mistura intrinsecamente à sua própria vida, sua personalidade notável já renderia uma obra extensa. Bispo do pequeno grupo protestante Unidade dos Irmãos Boêmios, Comênio foi por diversas vezes perseguido. Por isso seus escritos carregam de forma explícita o desejo de um mundo reformado pela fé e pelo correto uso da racionalidade humana.

Como refugiado protestante (tendo abandonado a Boêmia após o furioso avanço da dinastia católica dos Habsburgos na Guerra dos Trinta Anos e o fim da liberdade religiosa no território), Comênio passou por diversos países como Polônia, Inglaterra, Suécia, Hungria e por fim, Holanda, morrendo em 15 de novembro de 1670. Sua vida errante, longe de ser marcada somente pela guerra e pelas constantes perdas familiares, distingue-se por sua intensa produção que conta com aproximadamente duzentas obras entre escritos educacionais, políticos e teológicos.

Infelizmente, seu pensamento acaba, constantemente, sendo esquecido, talvez pelo caráter eminentemente teológico de seus escritos, fator nem sempre bem visto nos meios acadêmicos. Por isso acreditamos que resgatar o pensamento comeniano, sobretudo em sua dimensão ética, representa não somente o esforço intelectual de rememorar uma importante etapa da teologia reformada, mas resgatar valores humanos essenciais para nosso tempo histórico, muitas vezes marcado por certo desprezo pelo bem coletivo dos homens e mulheres em favor de um excessivo individualismo. Por isso voltar ao passado, por meio das obras destes grandes homens, é também abrir novas possibilidades de se rever o presente.

QUEM É O HOMEM PARA COMENIUS

Na filosofia comeniana alguns elementos chave formam a visão de homem do autor. João Luís Gasparin aponta que estes “se expressam nas direções conceptuais criacionista, naturalista-evolutiva, empirista e mecanicista” (GASPARIN, 1997, p. 61). A seguir pretendemos expor como cada um destes tópicos interliga-se para formar sua visão de homem, formando e dando base para o conjunto de suas teorias.

Inicialmente, não podemos perder de vista dois elementos insistentemente comentados: o forte contexto religioso no qual estava mergulhado Comênio desde sua infância e o momento histórico em que se encontrava o pensamento ocidental no desenrolar de sua obra. Disto retêm-se como elementos principais a influência religiosa cristã e as mudanças de paradigmas ocorridas a partir do Renascimento europeu. Por isso, podemos afirmar que Comênio apresenta uma visão humanista cristã sobre a natureza humana.

O homem comeniano, como é óbvio se supor, parte da premissa criacionista, relatada no livro bíblico do Gênesis. Portanto o homem é considerado pelo autor como obra de um Deus, destinado a partilhar com este sua natureza divina num pós-vida. Mas ao passo que este homem criado a imagem e semelhança de seu Criador é visto como o mais excelso dentre todos os seres vivos, proporcional é seu infortúnio após a *Queda* de seus primeiros ancestrais no Éden.

Mas ai! Que grande desventura a nossa! Perdemos o Paraíso de delícias corporais, onde estávamos, e no mesmo instante perdemos o Paraíso de delícias espirituais, que éramos nós mesmos. Lançados na solidão da terra, reduzimo-nos a solidão e a deserto tético e triste. Fomos ingratos com aqueles bens com os quais Deus nos havia suprido em abundância no Paraíso, para o corpo e para a alma: portanto, fomos justamente despojados de uns e de outros, e nossa alma e nosso corpo ficaram expostos à dor (COMENIUS, 2006, p. 22).

Por hereditariedade toda espécie humana estaria a partir do *Pecado Original*, sentenciada, tendo perdido sua natureza santa e harmoniosa. No entanto, diferente da cristandade medieval, este homem, “a mais elevada, perfeita e excelsa das criaturas” (Ibid, p. 41) ainda mantém intacta sua dignidade enquanto obra suprema. Comênio afirma nesta perspectiva que o homem é:

I. uma criatura racional: aquela que domina intelectualmente todo o universo circundante, compreendendo os fundamentos de todas as coisas ;

II. uma criatura senhora das criaturas:

Ser criatura senhora das criaturas significa agir em benefício próprio, dispondo tudo segundo fins legítimos: salvaguardar a dignidade recebida comportando-se em toda parte como rei das criaturas, ou seja, de modo grave e piedoso (reconhecendo que acima de si só há o criador, que deve ser adorado, e os anjos do Senhor, que, juntamente com o homem, são servidores de Deus, pares seus, e que as outras coisas estão bem abaixo de si); não se sujeitar a nenhuma criatura, muito menos à própria carne, mas servir-se livremente de todas; saber onde, quando, como e até que ponto usar cada coisa com sabedoria; onde, quando e até que ponto satisfazer o corpo; onde, como, quando e até que ponto ser condescendente com o próximo. Numa palavra, poder moderar com sabedoria movimentos e ações externas e internas, próprias e alheias (COMENIUS, 2006, p. 54);

III. uma criatura feita à imagem de seu criador e para seu deleite: significa ao homem seguir rumo ao destino para o qual foi criado, seguindo os passos do Cristo em fé e obras. Portanto, o homem vive o constante dilema entre sua queda, sua natureza anterior a este fato e a natureza Divina, do qual partilha e lhe garante a salvação.

É a partir desta contradição que se desenha a visão de homem comeniana. Embora o homem a princípio seja uma criatura afastada de Deus por força de sua condição inata, é por esta sua mesma filiação portador da mais alta dignidade frente a seus semelhantes, e protótipo imperfeito de seu arquétipo, de quem possui em menor grau as qualidades naturais que o caracterizam. Em conformidade com a posição humanista, o homem é considerado pelo autor um microcosmo, em torno do qual o macrocosmo (Deus) encontra seu “Paraíso de delícias”.

Comenius compreende que três são as qualidades inatas necessárias para tal empreitada: a instrução, as virtudes e a religião. Estas existem em potência e devem ser desenvolvidas como qualidades necessárias ao aprimoramento humano.

O autor checo afirma que estas “sementes” existem no homem como forma de recuperar sua verdadeira natureza, que é aquela anterior ao pecado primeiro. Neste sentido o homem deve, nesta ordem, desenvolver-se intelectualmente, avançando de uma boa educação para um comportamento, moral e virtuoso, culminando natural e necessariamente no último estágio terreno, o religioso. Por fim, “já que a vida presente não é tanto vida, mas caminho para a futura” (COMENIUS, 2011, p.8), o homem seria conduzido harmoniosamente ao seu fim teleológico, o regresso ao Paraíso.

No rastro de Aristóteles, Comenius segue a famosa inferência empirista de que a mente humana é uma “tabula rasa”, depositária de informações e registros. Assim, “nada nasce conosco” (COMENIUS, 2006, p. 73), devendo às sensações o papel de formação do intelecto, conforme afirma Comênio:

E como no intelecto nada se encontra que antes não tenha passado pelos sentidos, é só dos sentidos que a mente recebe a matéria de todos os pensamentos, e o ato de pensar realiza-se através da sensação interna, ou seja, com a reflexão sobre imagens abstratas das coisas (Ibid, p. 140).

Seguindo a posição sensualista Aristotélica, Comenius concorda que “no homem é natural o desejo de saber e também de enfrentar (e não apenas de suportar) os esforços que isso implica” (Ibid, p. 60), de forma que todo o homem é conduzido naturalmente para a harmonia universal, desde que para tal fim seja utilizado o método apropriado.

Por fim, o último elemento constitutivo da visão de homem comeniana se encontra em sua concepção mecanicista.

Como é fácil deduzir, para o autor, o homem não é um simples ser vivente, mas um corpo portador de uma alma, “composta por três faculdades (que correspondem à Trindade): intelecto, vontade e memória” (Ibid, p. 96). Este corpo animado pela alma é descrito na Didática Magna em constantes analogias com diversas máquinas, comparando o funcionamento do corpo humano com os mecanismos como o do relógio, em um de seus exemplos mais emblemáticos, ou em seu exemplo da didacografia, deixando claras suas influências.

ÉTICA COMENIANA: ELEMENTOS CONSTITUTIVOS

Ao propormos a investigação dos princípios éticos presentes na obra comeniana, alguns referenciais são de extrema importância configurando parte importante de seu pensamento.

Acreditamos que não obstante Comenius esteja presente, direta ou indiretamente e positiva ou negativamente em diversas áreas do saber científico, sobretudo educacional, seu sistema ético é ainda um ponto a ser desbravado. Obviamente, sua correta interpretação e relação com o presente passam pela contextualização histórica. Neste sentido, procuraremos seguir as recomendações de Piaget quando este adverte em um artigo escrito a pedido da UNESCO em 1922 sobre o autor tcheco na ocasião do quarto aniversário de seu nascimento que “nada mais fácil – ou mais perigoso – que tentar modernizar um autor de três séculos atrás e buscar nele as origens de tendências contemporâneas ou recentes do pensamento” (PIAGET, 2010, p. 12). Neste sentido, nosso esforço se dirige no presente momento às bases

do sistema ético comeniano contido na *Didática Magna*, sempre com a preocupação de localizá-la temporal e espacialmente.

Por isso é importante identificar inicialmente as influências de Comenius em seu próprio contexto de vida. Dada sua própria vivência, no plano ético-moral, as posições defendidas por Comênio foram moldadas em grande medida sob as aspirações da Unidade dos Irmãos Morávios, sendo esta naturalmente uma de suas grandes influências. O grupo religioso se caracterizava por pregar uma reta conduta prática, valores morais bastante rígidos, além de idealizarem utopicamente um mundo sem leis humanas e nem propriedade privada. Acreditavam que na medida em que as pessoas se regenerassem de forma quase que simultânea por meio da religião e assumissem como valores primordiais: a piedade e a solidariedade entre todos os povos, passaríamos a viver em uma grande comunidade mundial.

Na *Didática Magna*, Comenius é muito enfático ao dirigir seu modelo educacional aos cristãos, afirmando que estes “devem ser formados segundo o modelo de Cristo, tornando-se iluminados na mente, santos pelo empenho da consciência, poderosos pelas obras (cada um segundo sua própria vocação)” (COMENIUS, 2006, p. 100). Comenius segue a principal prerrogativa do ensino dito tradicional ao dar ênfase à transmissão de valores morais, seguindo o modelo de homem santo e culto personificado na figura do Cristo. Não sem razão sua pedagogia terá como pressupostos básicos a formação da virtude, devendo corresponder a esta “não só a correção do comportamento externo, mas o equilíbrio interno e externo dos movimentos da alma” (Ibid, p. 55) e a difusão do sentimento religioso, ou seja, da piedade, definida como “a interna veneração com que o espírito humano se liga e se vincula à divindade suprema” (Ibid, p. 55). Neste intuito se dedica o capítulo XXIII da *Didática Magna* ao “Método de ensino da moral” e o capítulo XXIV ao “Método de infundir a piedade”.

Ao analisarmos as bases do sistema ético implícito em sua filosofia, a afirmação do pesquisador David Hamilton (1993) sobre a filiação ideológica comeniana nos dá pistas sobre a fundamentação teórica de seu sistema ético. No artigo “Comênio e a Nova Ordem”, o autor inglês defende a ideia de que o objetivo principal de Comênio seria aquele de “moldar” as gerações nascentes ao recente sistema socioeconômico capitalista, promovendo uma escola não do pensamento, mas da instrução moral, responsável por adequar a população europeia ao nascente sistema. Embora entendamos neste escrito, que Comênio era um homem por demais medieval para que suas premissas fossem muito além do campo religioso ao contrário do que pretende demonstrar o artigo, a afirmação que se segue chama nossa atenção:

A Didática Magna foi um texto neo-estóico porque se constitui em um trabalho de política. Ela assumiu uma postura instrumental em relação ao ensino e à aprendizagem. Os interesses de Comênio foram não só enciclopédicos, mas também se estenderam à esperança de que o ensino e a aprendizagem poderiam ser reorganizados com “tal certeza que os resultados desejados deviam necessariamente seguir-se” (HAMILTON, 1993, p. 15).

O trecho acima merece especial destaque dentro da proposta que seguimos, pois concordamos com David Hamilton quando este aponta para a filiação neoestoica de Comênio.

O neoestoicismo se define a partir de uma visão não dualista e determinista do universo, sendo este visto como uma enorme cadeia de causas e efeitos, regidos por uma força superior. Dentro deste emaranhado de relações, o homem sábio se predispõe em favor da “universal providência de Deus, ou seja, o influxo incessante de bondade divina, que obra tudo em todos, realizando em cada criatura aquilo para que a destinou” (COMENIUS, 2006, p. 57), rumando assim para o fim metafísico ao qual já haveria sido previamente determinado.

Este pré-ordenamento é, no entanto, afetado pelas paixões, que acabam por desviar o homem do seu fim, impondo-lhe necessidades tanto da ordem física quanto moral. O estoicismo clássico, bem como o neoestoicismo carregado de influências cristãs, defende “que o que nós chamamos paixão é uma condição mórbida e desordenada da alma racional, que envolve julgamento errôneo sobre o que será buscado ou evitado” (SIDGWICK, 2010, p. 85-86). O sábio é visto então como aquele que se desviando das paixões, por meio da ascese dos desejos e do aprimoramento moral e intelectual, pode se manter aquém de suas próprias necessidades. Desta forma, a sapiência (que pode ser também entendida neste caso como autocontrole ou firmeza moral) permite àquele que a possui, alinhar-se ao seu universo circundante, porém, sem fazer parte efetivamente dos valores socialmente compartilhados. Freando os desejos físicos, o homem moral torna-se naturalmente um sábio, a fim de encontrar por meio da racionalidade aquilo que é considerado o bem em si, que no caso de Comênio corresponde ao fim escatológico do homem.

Consideramos por fim, que isso explica o motivo pelo qual Comenius se remete exhaustivamente a Sêneca na Didática Magna ao inferir juízos morais sobre questões de educação.

Uma vez que, conforme defendemos, Comenius se configura como um filósofo neoestoico, como se apresenta para ele a questão da liberdade humana? Quais seus limites, uma vez que ele parte de uma suposição determinista?

Poder-se-ia supor que Comenius assume assim a mera resignação como valor absoluto, no entanto, a posição assumida pelo teólogo reformado checo caracteriza-se por uma atitude de estranhamento do mundo e de ação transformadora (entendida esta nos limites da mentalidade de seu tempo).

A teologia pregada por Comenius se aproxima do antigo heresiarca Pelágio da Bretanha, grande inimigo de Agostinho de Hipona, com quem travou grande embate acerca do *Livre-arbítrio*. Segundo o monge da Bretanha, “a natureza humana é totalmente boa e pode praticar o bem mesmo sem o auxílio da graça” (ELIADE, 1999, p. 107-108). Sobre isto, Edson Pereira Lopes afirma:

Comenius está mais próximo de uma concepção pelagianista ou semipelagianista [...] visto que afirma que, em nós, foram deixadas as “raízes” para o retorno ao Paraíso, e por extensão a Deus. Ainda [...] enfatizará que o pecado enfraqueceu as forças internas do homem, mas não as extinguiu (LOPES, 2003, p. 152).

Para Comenius, o processo de acesso a “Nova Jerusalém” passa necessariamente pela participação ativa do homem, motivo pelo qual se distancia da teologia de Lutero e Calvino.

O homem neste sentido é dotado de total arbítrio para ser aquilo que quiser, sendo total responsável por suas escolhas. Em um exemplo no qual ele demonstra um de seus princípios didáticos, define o homem como uma criatura “dotada de livre- arbítrio para escolher e fazer [...] por isso provida da luz da razão para orientar- se com prudência em suas escolhas e ações” (COMENIUS, 2006, p. 240). Neste caso o que se coloca em questão é a definição de liberdade para Comênio.

O homem para Comenius só é verdadeiramente livre quando racionalmente faz sua escolha, e escolha racional naturalmente recebe no autor uma conotação religiosa. O homem verdadeiramente livre é aquele que escolhe assumir sua posição na imensa engrenagem do universo.

Em relação às virtudes listadas por Comenius, assim como na tradição estoica, segue-se a quádrupla divisão platônica: Prudência, Temperança, Fortaleza e Justiça, chamadas também de virtudes cardeais. Estas, porém, são consideradas virtudes menores pelo autor em relação àquelas consideradas *Virtudes Teológicas* (Fé, Esperança e Caridade²).

² CF. 1 Coríntios 13, 13.

Além disso, Comenius foi, antes de tudo um teólogo e pedagogo da paz e da concórdia, uma personalidade admirável não apenas por seu gênio incontestável, mas também por se tratar de uma grande figura humana, tal como afirma João Luiz Gasparin:

[...] Além das questões educacionais ele foi, na teoria e na prática, um apóstolo da paz, da paz política e religiosa; percebeu, já então, uma verdade que para nós, hoje, é absolutamente clara, isto é, que nenhum povo resolve sozinho os seus problemas, mas que há entre todos uma forte interdependência. Constatou que entre todos os povos há uma solidariedade praticamente necessária e eticamente obrigatória, que os une indissolivelmente. Pensou e previu, ainda que messiânica e utopicamente, organismos internacionais para a resolução das controvérsias, unificação e colaboração entre todos os Estados e todos os povos no terreno religioso, político e cultural (GASPARIN, 1997, p. 102).

Angustiado pela perseguição católica ao protestantismo, e em contrapartida decepcionado com o próprio protestantismo, que de força renovadora dentro da cristandade se tornou também uma força institucionalizada em suas diversas denominações, o que trouxe uma série de disputas internas no próprio movimento e a conseqüente desagregação, Comenius, que esperava o auxílio de alguma grande força europeia protestante (luterana ou calvinista) para a política e economicamente frágil União dos Irmãos que fora perseguida durante a Guerra dos Trinta Anos, sempre defendeu o diálogo como forma de solucionar estas disputas e conseguir apoio para a causa da paz entre os povos.

No cerne da teoria educacional comeniana está a utopia de um mundo reformado pelo uso da razão, justificadora do esforço em prol de uma reforma escolar, pela qual a paz mundial seria gestada. Comenius previu em vários séculos a criação de instituições responsáveis pela manutenção da paz e disseminação da cultura como a ONU e a UNESCO, caracterizando-se não apenas como um dos grandes autores da história da educação, mas também um importante representante político da paz e da ética da tolerância. Esta somente poderia ser fomentada pela educação, na qual os valores humanos necessários a tal empreitada seriam despertados. Concordamos com Wojciech Andrzej Kulesza quando este afirma que para Comenius:

A salvação será função da educação, concebida no seu sentido mais amplo de formação para a vida eterna [...]. O pastor de almas transmuta-se em professor, mas ainda sob orientação divina, o que está em sintonia com as posições irênicas e ecumênicas assumidas por ele em relação às questões que dividiam o movimento protestante de sua época (KULESZA, 1992, p.87- 88).

Além do cristianismo, evidente fonte de todo o pensamento comeniano, outra grande inspiração sua no que diz respeito aos valores ligados à ética e ao respeito às diferenças, no

campo político e religioso, foi o grande gênio renascentista Desidério Erasmo, mais conhecido como Erasmo de Rotterdam. Deste Comenius toma por empréstimo o conceito de *Irenismo*.

O holandês Erasmo de Rotterdam foi um dos grandes nomes do período da renascença, e um dos grandes defensores do diálogo como forma de resolução de conflitos. Grande nome do humanismo e grande erudito acerca de assuntos da Antiguidade, suas posições sempre pautadas pela moderação o mantiveram sempre como um espírito independente, livre para se posicionar e criticar até mesmo aqueles a quem tinha por companheiros. Quando da eclosão da Reforma Protestante, embora tenha inicialmente simpatizado por Lutero, tornou seu grande adversário. Ao mesmo tempo, nunca deixara de poupar críticas a Igreja Católica, de quem sempre fora integrante, pois “Erasmo recusava-se a contribuir para a fragmentação da comunidade cristã; abominava a guerra, a violência verbal e a intolerância religiosa” (ELIADE, 2011, p. 228- 229).

Sua grande contribuição para a contemporaneidade, porém, foi muito além das polêmicas com Lutero. Erasmo fundamentou aquilo que hoje se dá o nome de *irenismo*.

Do grego *eirenè*, que em português significa paz, o irenismo é definido segundo A. Guimarães Pinto como “a atitude que professa o repúdio por todo tipo de beligerância e uma ilimitada confiança do diálogo e do recurso à arbitragem para a resolução dos conflitos que opõem os homens” (ROTerdão apud PINTO, 1999, p. 7).

A liberdade irenista consiste não na negação de si mesmo em favor de uma cultura partilhada socialmente, mas na aceitação da pluralidade como legítima e válida em seus aspectos específicos. O recurso para qualquer mudança de postura ou a impasses de quaisquer ordens em momento algum devem escapar ao diálogo. As disputas devem ocorrer com base na persuasão e na retórica, e não se empunhando espadas ou desrespeitando aquele por quem se tem por adversário. A verdadeira arma humana é, aos olhos do irenismo, a razão e as aspirações comuns a todos os povos de todas as nações: a paz consigo mesmo e com o outro. A seguinte exortação de Comênio não deixa dúvida sobre a importância e atualidade desta questão:

De fato, em nós e naquilo que a nós pertence existe algo que se encontra na devida forma e lugar? Nada. Tudo está revirado e confuso, ou está destruído ou está ruindo. Em lugar da inteligência, com a qual deveríamos igualar-nos aos anjos, a maioria tem tal estupidez que ignora – como os animais – aquilo que mais deveria conhecer. Em lugar da prudência, com a qual nós, destinados à eternidade, deveríamos preparar-nos para a eternidade, há tal olvido, não só do que é eterno como também do que é mortal, que a maioria se escraviza às coisas terrenas e transitórias e até a

morte iminente. [...]. Em lugar do amor recíproco e da candura, ódios recíprocos, inimizades, guerras e morticínios. Em lugar da justiça, iniquidade, injúrias, opressão, furtos e assaltos [...]. Em lugar da simplicidade e da verdade, mentiras, fraudes e enganos. Em lugar da humildade, soberba e ódio (COMENIUS, p. 25-26, 2006).

Em períodos tais como o nosso, em que a barbárie parece aflorar em diferentes campos da existência, quando aspectos éticos são relativizados e o bem comum parece se diluir em meio à busca incessante do indivíduo por si e somente para si mesmo, a postura irenista de Comenius pode fornecer indícios de caminhos a serem trilhados em prol de uma sociedade mais humana e menos automatizada.

CONCLUSÃO

A um ainda recente estado democrático de direito como no caso brasileiro, a asserção de valores éticos de tolerância às diferenças das mais diversas ordens, longe de serem paliativos políticos, adquirem caráter de urgência frente ao estado confuso e por diversas vezes contraditório de nossa sociedade.

Ainda quando estas questões são analisadas em maior escala, o quadro não se mostra muito mais animador. No mundo globalizado, fundamentado sob a economia de mercado, em que o “ter” dá a tônica da existência, e o “ser” torna-se algo secundário, o consumo tornou-se uma espécie de divindade. Uma noção degenerativa, quase mecânica do semelhante é uma espécie de regra. As pessoas abdicam de sua própria essência, daquilo que as torna humanas, como forma de ascender ao padrão de consumidores. O ideário capitalista oferece a homens comuns o sentimento de tornarem-se partícipes de algo muito maior, que nem eles mesmos compreendem, abdicando assim, do pensar coletivo. Contraditoriamente, em um mundo “coisificado” e homogeneizante, conflitos envolvendo grupos étnicos, religiosos, sociais, de gênero e outros, surgem a todos os instantes, quando um destes, solicitando para si a verdade absoluta e a ascendência moral sobre todos os demais o faz de forma a desconsiderar a priori o outro.

Uma grande e imensa crise de consciência, em oposição ao bem- viver se abate sobre a espécie humana no atual momento histórico, sobre a qual Leonardo Boff diz:

O sintoma mais doloroso, já constatado há décadas por sérios analistas e pensadores contemporâneos, é um difuso mal-estar da civilização. Aparece sob o fenômeno do descuido, do descaso e do abandono, numa palavra, de falta de cuidado. (...) Há um descuido e um abandono dos sonhos de generosidade, agravados pela hegemonia do neoliberalismo com o individualismo e a exaltação da propriedade privada que

comporta. Menospreza-se a tradição de solidariedade. Faz-se pouco dos ideais de liberdade e de dignidade para todos os seres humanos (BOFF, 1999, p. 18).

Neste sentido, a teoria comeniana propunha basicamente a reforma da sociedade em escala progressiva a partir da reforma da capacidade racional, e justamente neste ponto situa-se a atualidade e importância do autor a nosso ver, pois “uma vez que as guerras se iniciam nas mentes dos homens; é nas mentes dos homens que devem ser construídas as defesas da paz” (UNESCO,2002, p.02).

Acreditamos que as propostas humanistas do teólogo e pedagogo tcheco ainda possuem grande valor, ao perpassarem o período de sua própria vida e de seu tempo histórico por tratarem de questões centrais a própria condição humana, de qualquer época.

Toda vida e obra de Comênio é em última instância um apelo à dignidade humana, ao apreço pelo outro e ao respeito mútuo. Pela reforma do pensamento, método, pela escola e sobre tudo, por e para Cristo, Comenius acreditava ser possível mudar os rumos da civilização mundial e a transformar em uma imensa comunidade fraterna e internacionalista.

Em tempos nebulosos tais quais os nossos, onde aspectos éticos são relativizados e o bem comum parece se diluir em meio à busca incessante do indivíduo por si e somente para si mesmo, as obras de Comenius se assemelham a uma espécie de farol por onde se guiar, não deixando dúvidas sobre sua importância a seguinte citação da Didática Magna:

De fato, em nós e naquilo que a nós pertence existe algo que se encontra na devida forma e lugar? Nada. Tudo está revirado e confuso, ou está destruído ou está ruindo. Em lugar da inteligência, com a qual deveríamos igualar-nos aos anjos, a maioria tem tal estupidez que ignora – como os animais – aquilo que mais deveria conhecer. Em lugar da prudência, com a qual nós, destinados à eternidade, deveríamos preparar-nos para a eternidade, há tal olvido, não só do que é eterno como também do que é mortal, que a maioria se escraviza às coisas terrenas e transitórias e até a morte iminente. Em lugar da sabedoria celeste, pela qual nos foi concedido conhecer, venerar e desfrutar docemente o que há de melhor, vê-se o torpe afastamento desse Deus em que vivemos, em que nos movemos e que somos, e uma estulta provocação de seu santíssimo poder. Em lugar do amor recíproco e da candura, ódios recíprocos, inimizades, guerras e morticínios. Em lugar da justiça, iniquidade, injúrias, opressão, furtos e assaltos. Em lugar da castidade, impureza e obscenidade nos pensamentos, nas palavras e nas obras. Em lugar da simplicidade e da verdade, mentiras, fraudes e enganos. Em lugar da humildade, soberba e ódio (COMENIUS, p. 25-26, 2006).

De certo estas e outras questões ainda serão respondidas pela própria história, de modo que, por hora, apenas podemos concluir que as posições defendidas por Comênio, não obstante a vanguarda de seu tempo parecem estar à frente também do nosso, motivo de

preocupação para todo aquele que se depara com suas obras e assevera a veracidade do adágio comeniano que afirma: “retornar a Comenius é progredir”.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

BOFF, Leonardo . Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CAULY, Olivier. Comenius, o pai da pedagogia moderna. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, Col. História e Biografias.

Constituição da organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001472/147273por.pdf>>.

COMENIUS, Jan Amós. A escola da infância. Trad. Wojciech Andrzej Kulesza. São Paulo: UNESP, 2011. Col. Clássicos.

_____. Didática Magna. Aparelho crítico: Marta Fattori. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Col. Paidéia.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. Dicionário das religiões. Colaboração de H. S. Wiesner. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. História das crenças e das ideias religiosas. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, v. 3.

GASPARIN, João Luiz. Comênio ou a arte de ensinar tudo a todos. Campinas, SP: Papirus, 1994.

_____. Comênio: A emergência da modernidade na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

HAMILTON, David. Comênio e a Nova Ordem. Pró-Posições. São Paulo, vol. 4, n. 2, 1993. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/11_artigo_hamiltond.pdf>.

KULESZA, Wojciech Andrzej. Comenius: A persistência da utopia em educação. São Paulo: UNICAMP, 1992.

LOPES, Edson Pereira. O conceito de teologia e pedagogia na Didática Magna de Comenius. São Paulo: Mackenzie, 2003. Col. Descoberta 1.

PIAGET, Jean. Ensaios. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. Col. Educadores.

PINTO, Antônio Guimarães. Introdução. In. ERASMO DE ROTERDÃO. A Guerra e a Queixa da Paz. Trad. A. Guimarães Pinto. Lisboa: Edições 70, 1999.

SIDGWICK, Henry. História da ética. Trad. Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Ícone, 2010. Col. Fundamentos do direito.

